



## **INTERAÇÃO NA FALA E NA ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO, COM ATIVIDADES DE INCENTIVO À LEITURA NOS ESPAÇOS ESCOLARES**

Silvinha Felix de Oliveira - UTFPR – silvinha\_felix@hotmail.com  
Janete Santa Maria Ribeiro – UTFPR – janetesantamaria@gmail.com.br

### **RESUMO**

Esta pesquisa é apresentada como trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino e busca destacar a aprendizagem escolar identificando a importância da leitura lúdica nos espaços escolares de variadas formas apontando sugestões de práticas pedagógicas como motivação no processo de alfabetização. Em face às inúmeras indagações quanto ao destino do livro neste século, com o advento das tecnologias da informação, não para atender aos interesses editoriais, mas como podemos assim dizer, certamente sobreviverá, como já, diante de outras ameaças já sofridas com relação ao rádio, à televisão, ao cinema, ao computador e a internet, ainda hoje o livro ocupa lugar de destaque, continuando supremo. Diante disso, a leitura sempre está como tema nas preocupações tanto de professores quanto de psicólogos, percebendo-se cada vez menos o interesse dos alunos pelo ato da leitura e aí entra a interação na escrita e na fala centradas em atividades práticas numa proposta pedagógica que examina atentamente os encaminhamentos metodológicos, condizentes com a realidade e anseios dos alunos, sendo capaz de tornarem as crianças em leitores competentes indo além da alfabetização, para que sejam sujeitos capazes de olhar reflexivamente a realidade à sua volta e fazer a opção de mudá-la de alguma forma. Ora, sendo assim, destaco a importância da leitura lúdica e o uso adequado das normas e técnicas de ensino nos espaços escolares ao que tange o processo de alfabetização.

**Palavras chave:** livro; leitura; aprendizagem; métodos; técnicas; espaços escolares.

### **1 INTRODUÇÃO**

O trabalho com leitura parece estar em um novo patamar nas escolas nos últimos anos. Os professores compreendem a função da leitura em suas diferentes modalidades: leitura pelo professor, leitura pelo aluno, leitura compartilhada, leitura para apresentar aos outros. O primeiro contato da criança com um texto em geral é feito oralmente. É pela voz da mãe e do pai, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas tendo a gente como personagem, narrativas de quando eles eram crianças e outras, contadas durante o dia, numa tarde de chuva, ou à noite antes de dormir. Isso faz com que a criança aos poucos construa um imaginário, podendo rir, sorrir, gargalhar

com as situações vividas pelos personagens das histórias, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever de um autor.

Portanto, ler e apreciar um texto, atribuir sentido a ele, reler, comentar, comparar com outras leituras, ouvir o que dizem outras pessoas sobre o mesmo texto e ampliar seu olhar são ações que a escola pode desenvolver com os alunos em diferentes faixas etárias. Sendo que, para tanto são necessárias algumas mudanças de paradigmas, no que tange o momento destinado à leitura em sala de aula ou nos espaços escolares:

[...] é muito importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...] escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, é ter caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo. (ABRAMOVICH, 1997, p.16)

Então, para que de fato isto se torne realidade, seria necessária atenção especial por parte dos gestores das escolas no trabalho desenvolvido pelos professores referentes às leituras com finalidades pedagógicas ou àquelas para realmente incentivar o gosto pela leitura como fonte de lazer ou como terapia ocupacional e ou finalmente como aquisição dos conhecimentos.

Percebemos que a leitura feita pelo professor alcançou o "horário nobre" em muitas salas de aula e hoje já não é mais vista como uma atividade sem grande importância, realizada se sobrar um tempinho no final do dia, ou ainda para que seja feita outra atividade com base nela, mas como peça fundamental, pois o professor planeja o uso de métodos de ensino para que de fato seus alunos se interessem e aprendam. Que tenham prazer em ler, para que se sintam motivados em participar das atividades propostas, valorizando a leitura. Diante do exposto, é notório que a leitura está se tornando uma atividade central da aula, ocorre diariamente e, com isso, os professores têm mostrado aos alunos sua importância, com a diversificação das atividades envolvendo a leitura, propiciando as crianças a conhecerem diversos gêneros textuais, escritores e suas obras, valorizarem diferentes estilos e apreciar textos de qualidade, previamente selecionados pelo professor, que compartilha com elas os critérios de sua escolha.

Diante desse trabalho cooperativo de escolhas dos gêneros textuais ou dos temas que trarão para leituras e reflexões em sala de aula a criança sente-se autora e participante de todas as atividades que realiza, estabelecendo

cumplicidade tornando a alfabetização como um processo intencional, buscando ser mais ativos na produção dos textos, como portador de palavras suas, apropriadas e transformadoras.

Para Ferreiro (1988), “a alfabetização precisa ser considerada como um processo ativo de construção da língua e do conhecimento. Assim, quando erra, a criança está testando hipóteses, experimentando”. É o que acontece nos textos espontâneos, nos quais a escrita e a leitura têm grande significado para a criança. É a construção desses significados que deve orientar todas as práticas alfabetizadoras na interação das crianças com seu entorno; na interação com elas e entre elas:

[...] a aprendizagem da leitura e da escrita deve se dar numa atmosfera de alegrias, auto-realizações, construções, descobertas e trocas constantes de experiências. E o processo de conhecimento vai se socializando naturalmente entre as crianças e entre elas e o professor. (NICOLAU, 2003, p.214).

Levando em consideração a importância de a escola ser um empreendimento social e coletivo, não podendo jamais esquecer o que acontece no mundo a sua volta, dessa forma as atividades com a leitura podem variar tanto no âmbito da sala de aula, dos espaços escolares, das bibliotecas escolares, sendo esses espaços aproveitados diariamente pelas crianças e que as experiências vividas neles, sejam revertidas em relatos orais e representadas graficamente, primeiras em formas de desenhos e posteriormente em textos. Assim, escrever sobre o que foi desenvolvido no recreio, ou em uma excursão, desenhar, pintar, recortar e colar, dramatizar, falar do que mais gostou de fazer ou sobre o que não foi agradável, propor novas brincadeiras, levantar problemas e pensar em solução para resolvê-los são atividades que levam os alunos a sentir prazer em conservar e, ao mesmo tempo, a valorizar suas próprias experiências e as vivenciadas pelos colegas. Isso tudo irá propiciar a inserção da criança na aquisição da escrita e da leitura, construindo a aprendizagem valorizando a cultura como um bem maior a ser buscado pela escola.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A criança desde muito cedo gosta de ouvir a história da sua vida, que é a mais importante para ela, então histórias reais são importantes, pois ajudam a criança a entender sua origem e que tipo de relação existe entre ela, as pessoas e os lugares. Com prazer ouve alguém contar como foi que nasceu sobre os fatos que aconteceram com ela e com outros membros da família. Justamente aí está uma das funções sociais da escola, se abrir ao mundo ao seu redor, como empreendimento social coletivo, não podendo desconsiderar o que ocorre fora de seu âmbito e com seus educandos.

Pois quando a criança lê, mesmo antes de estar alfabetizada quando vêem jornais e revistas em bancas, cartazes no mercado, na padaria, ônibus, parques e outros no seu entorno e isso está penetrando no que compõe o seu cotidiano social, e vai absorvendo aspectos dos grupos sociais com os quais interage direta e indiretamente sendo influenciada por suas experiências enquanto escritora e leitora.

Segundo Feldman (1987), a criança apresenta-se pronta para a aquisição do código gráfico por volta dos seis anos, pois nessa idade já atingiu a maturidade neurológica, lingüística, perceptual e de estruturação lógica necessária para essa tarefa.

Os autores relatam que a maturidade neurológica é definida quando se estabelece a dominância cerebral e explicam que essa dominância pode ser observada pelo uso preferente de uma das mãos. Quanto ao aspecto lingüístico, deve haver a passagem língua/linguagem, que pode ser constatada pela possibilidade de narrar fatos, de separar objetos em categorias e solucionar situações problemas oralmente. No que se refere ao aspecto perceptual, salientam que é importante que a criança tenha atenção, noções espaciais e constância de formas e tamanhos. Quanto à estruturação lógica, relatam que a criança deve ser capaz de fazer classificações e seriações.

As ideias de Feldman (1987) relembram o antigo conceito de prontidão para a alfabetização que está diretamente ligado á linguagem. Dessa maneira, podemos correlacionar alguns desses aspectos com sua importância para a aquisição da escrita.

Pela percepção, a criança será capaz de diferenciar os estímulos auditivos e visuais envolvidos na leitura e escrita e fazer a associação som – letra. O esquema corporal é um aspecto básico para a aquisição de linguagem, portanto está diretamente relacionado à capacidade de representação, ao conteúdo para a escrita, ao “o que escrever”. Além disso, está diretamente relacionado à coordenação motora que é exigida para a produção gráfica. A orientação espacial e temporal é importante para que o indivíduo possa organizar sua escrita no papel e possa ter sequência no que lê e escreve. A lateralidade fornece dados sobre a dominância cerebral, mas também está implicada na aquisição do sentido com que se dá a leitura e a escrita – da esquerda para a direita.

Le Boulch (apud FELDMAN, 1987), ressalta que a escrita é um aprendizado motor, que envolve interiorização, percepção, lateralidade, domínio espaço – temporal e corporal. Assim sendo, os pré-requisitos para a aquisição do código gráfico não podem ser esquecidos quando se pensa na construção da escrita e complementando, para Ferreiro (1988), a alfabetização precisa ser considerada como um processo ativo de reconstrução da língua e do conhecimento. Assim, quando erra, a criança está testando hipóteses, experimentando.

Segundo Le Boulch (apud FELDMAN, 1987), para que a criança adquira o domínio sobre o código gráfico, além do que já foi citado, é necessário normalmente que apresente integridade dos órgãos sensoriais (audição e visão) e do sistema nervoso central, maturidade para a alfabetização, que haja adequação do método de alfabetização utilizado e que a criança fale corretamente. É importante lembrar que aspectos afetivos, emocionais, motivacionais e de saúde geral também exercem grande influência sobre o processo de aquisição de qualquer conhecimento.

A leitura é uma atividade fundamental à vida do ser humano e deve ser uma prática prazerosa na vida escolar do aluno. Até pouco tempo era vista como uma atividade meramente instrumental, ligada à alfabetização, a leitura vem ocupando espaço nos discursos de abrangência político-pedagógica. Porém, em muitas escolas brasileiras é comum a persistência de práticas pautadas nos velhos paradigmas, de tendência centralizada e reducionista; o

que faz com que ela perca uma grande oportunidade de “inovar” e buscar o que preconiza como princípio filosófico fundamental, estabelecer um espaço de possibilidades e de importância política, para que o aluno exerça plenamente seus direitos, com as competências necessárias à realização das suas atividades, “impostas” pelo exigente processo civilizatório. Enquanto a sociedade caminha adaptando à era digital, e não pede licença para se lançar ao mundo da informação multimídia, a escola persegue as informações em conta gotas.

O professor precisa gostar de ler, para assim contribuir para a formação de leitores, para que os momentos de leitura se transformem em momentos significativos e prazerosos para as crianças que dela farão uso. Para se escrever algo, percebe-se que é preciso antes de tudo ler, não necessariamente livros, mas sim desenhos, paisagens, músicas etc.

Coelho (2000), ressalta que “os meios didáticos que podemos usar para escrever ou divulgar algo é neutro, depende somente do interesse e uso que fazemos deles”. O lugar privilegiado para se desenvolver o gosto e o prazer da leitura é a escola, como já aqui citado, para tanto se faz necessária a formação de professores competentes, capazes de despertar em seus alunos o interesse de ler, expressar e interpretar, desenvolvendo suas habilidades tanto cognitiva, histórica, social e emocional.

## **2.1 A falta de leitura e suas consequências**

A falta de leitura sempre foi motivo de preocupação para professores, educadores e psicólogos. Os processos mentais subjacentes à leitura foram considerados complexos demais para serem estudados de forma simples. Os especialistas continuaram sua inquietação e com grande ímpeto, alcançaram progresso na pesquisa metodológica. Assim, percebe-se que os alunos cada vez mais se afastam e desinteressam pela leitura e é aí que se questiona a prática pedagógica, o ensino e o incentivo da leitura em sala de aula e nas bibliotecas escolares, as propostas de ação que podem levar as crianças a se tornarem leitores competentes, tentando centrar a atenção nas atividades práticas em sala de aula. Investir na formação de leitores é uma grande tarefa,

bem como urgente. É preciso apostar que é possível ir muito além da alfabetização e que sujeitos leitores são capazes de olhar reflexivamente a realidade à sua volta e serem capazes de fazer a opção de mudá-la de alguma forma.

Um espaço muitas vezes esquecido na escola são as bibliotecas escolares, longe de se parecerem com o que os professores consideram ideal, que os alunos queiram passar a maior parte do tempo lá, na companhia de um bom livro. Talvez nem cheguem perto de se parecerem com uma livraria, que encantam e fascinam a todo leitor.

Quando não são transformadas em depósitos de materiais pedagógicos, ficam esquecidas e jamais usadas para o que se destinam. Diante dessa realidade, seria bastante relevante, bem como necessárias que as bibliotecas escolares fossem repaginadas e atualizadas, com mais cores nas paredes, com pufes aconchegantes e divãs que convidassem para uma viagem no mundo dos livros.

Nossas crianças apreciam o bom gosto e reconhecem um ambiente que foi pensado para o seu bem estar, de modo que esse espaço por si só seja um convite à leitura, à reflexão e a criatividade das mesmas, pois Freinet (1977), elabora técnicas condizentes à idéia da pessoa como capaz, desde que nasce, de agir sobre o mundo e de transformá-lo. Pode-se perceber como a criança conquistou seu espaço, suas opiniões estão cada vez mais requisitadas, tendo mais oportunidades de se expressarem, de agirem no meio social o qual pertence.

Ademais, o trabalho com diferentes linguagens favorece a aprendizagem da linguagem escrita com sentido e significado. Segundo Perez (1993, p.101),

[...] através do uso de várias linguagens a criança expande sua atividade, libera suas fantasias, exercita a imaginação, ao mesmo tempo em que constrói conhecimentos sobre a leitura e a escrita, num universo particular repleto de sentido e significado.

Entretanto, a leitura desprendida, livre e com tempo suficiente para a compreensão do que se lê, para que não se transforme em mera informação, sem contextualização e solta, mas que sejam capazes de atender as diferentes esferas onde circulam determinados contextos e situações, tantos de ordem burocrática, jornalístico ou de criação literária, contribuem muito para que se

aliviem as pressões exercidas pelas influências negativas da modernidade, favorecendo a criança uma crença positiva na vida.

Para isso o professor necessita gostar de ler, para estar contribuindo positivamente para a formação de leitores, para que não esteja de certa forma transformando os momentos de leitura em insignificantes e pouco interessantes para as crianças e jovens. A participação da criança em todo o processo educativo, seja por meio de decisões coletivas, ou por meio do planejamento ou na apresentação final do trabalho de leitura é essencial para seu crescimento pessoal enquanto aluno ativo e protagonista do fazer pedagógico dentro e fora da sala de aula.

A prática social “ir à escola”, exige diversas atividades tanto por parte do professor como por parte do aluno, como: planejar a aula, ouvir o professor, elaborar ou realizar exercícios, discutir tópicos, prestar atenção a aula, organizar atividades e dessa forma as atividades de linguagens, as quais envolvem prática de leituras diversas, com vários estilos e gêneros textuais, dando ao aluno condições necessárias para que se produzam suas próprias escritas, tendo em vista os processos de alfabetização e letramento.

E a partir desse momento o aluno descobre que sua fala pode ser representada pela escrita e saber usar socialmente esse aprendizado, tendo a possibilidade de produzir textos eficazes através da sua prática de leituras. Além do que, os processos de aquisição da boa escrita, se dão mediante toda a construção anterior, fundamentada nas referências que lhe foram oportunizadas, seja com base em suas próprias escolhas orientadas ou naquelas em que o professor apontou ou recomendou determinando a leitura para aprimoramento dos conhecimentos científicos.

Segundo Alves (2003), um leitor competente só pode se constituir mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, das características do gênero. Não implica somente em extrair informação da escrita, mas uma atividade que



necessariamente requer a compreensão dos sentidos das palavras antes da leitura propriamente dita.

Então, quando o professor perceber que o aluno consegue analisar sua própria leitura e que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê, pois, a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. O uso desses procedimentos permite controlar o que vai sendo lido, tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, arriscar-se diante do desconhecido, buscar no texto a comprovação das suposições feitas.

Diante do exposto um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que lhe tragam maior interesse. Assim, cada criança, particularmente, procurará no conto de fadas, um significado diferente de acordo com as suas necessidades e interesses em cada fase da vida. Portanto, na história a criança se projeta momentaneamente nos personagens e penetra no mundo de fantasias. Acreditamos que na fase inicial alfabetização da criança, o professor deve explorar os contos de fadas, pois falam de medos (Chapeuzinho Vermelho); de amor (A Pequena Sereia); da dificuldade de ser criança (Peter Pan); de carências (João e Maria); de autodescobertas (O Patinho Feio); e de perdas e buscas (O Gato de Botas), pois na história a criança penetra no mundo da fantasia, vivenciando um contato mais estreito com seus sentimentos e elaborando seus conflitos e emoções de forma mais autônoma, propiciando a ela crescimento pessoal e desenvolvimento intelectual. Além do que, ela faz uma ponte entre o real e o imaginário. Como bem explica Aroeira, (1996, p. 141), (“Por meio da história, a criança observa diferentes pontos de vista, vários discursos e registros da língua. Amplia sua percepção de tempo e espaço e o seu vocabulário”). Com isso, a criança se sente agente, autora e sujeito das situações educativas, tornando-se ora ouvinte, ora leitora ou escritora, sempre ativa e participativa nos métodos e técnicas utilizadas pelo professor.

Para tanto, Salwulski, (2002), observa que,

(...) faz-se necessário que o professor introduza na sua prática pedagógica a literatura de cunho formativo, que contribui para o crescimento e a identificação pessoal da criança, propiciando ao aluno a percepção de diferentes resoluções de problemas, despertando a criatividade, a autonomia e a criticidade, que são elementos necessários na formação da criança em nossa sociedade atual. (SALWULSKI, 2002, p. 132)

Nesse contexto, o professor deve transformar sua sala de aula ou a biblioteca escolar, num espaço estimulante e prazeroso, utilizando-se das mais variadas situações, para que a criança possa manifestar livremente a compreensão e os questionamentos que faz a partir da leitura de textos literários, realizados pelo professor. Quanto mais oferecer aos alunos materiais de leitura, tornando esses momentos de suma importância, incentivando o gosto e o prazer da descoberta e do contato com os livros e textos diversos, o professor estará criando um clima afetivo entre seus alunos e os livros.

É através das histórias que o professor lê para o aluno, que ele participa ativamente, questiona, interpreta, faz comentários, pois essa tarefa constante de estar lendo, folheando os livros, lendo as gravuras que desperta o gosto e livremente o aluno começa a manifestar seu repertório próprio de leituras e de busca pela informação e conhecimento através dos livros.

O momento de ouvir histórias é muito significativo para o aluno e segundo Alves, (2003):

...deve acontecer de preferência após o recreio, pois os alunos estão agitados e com certeza uma história bem interpretada irá acalmá-los. Sempre que possível, o professor deve mudar os temas das histórias, desenvolvendo em seus alunos, o pensamento lógico, a imaginação, o vocabulário, a noção de sequência e moral. (ALVES, 2003, p. 67)

Dessa forma, o espaço escolar atende as necessidades de aprendizagem da criança, tanto em sala de aula quanto nas bibliotecas, o professor está propondo ações pedagógicas, ouvindo seus alunos, satisfazendo o desejo de conhecimento, expressando seus desejos de aprendizagem através da oralidade, além do que, as suas produções escritas serão, sem sombra de dúvidas, produções capazes de reproduzir e expressar conhecimentos significativos e sentimentos verdadeiros.

Digo isso, considerando que Freinet postula que a comunicação constitui uma necessidade vital da criança. É essa compreensão que justifica e valoriza a livre expressão como princípio vertebrador na estruturação de suas técnicas

de ensino (FREINET, 1979). A comunicação é uma forma privilegiada da objetivação humana. Portanto, ao ouvir histórias, as crianças sentem mais facilidade em criar outras, desenvolvendo seu vocabulário e sua sequência de ideias.

Sabemos que hoje, almeja-se que ao ler, a criança tenha fluência na hora da leitura, mas ela é vista como um ser em formação, cujo potencial deve se desenvolver em liberdade, mas orientado no sentido de alcançar total plenitude em sua formação. Porque durante muito tempo concebia-se a criança como um ser sem valor, não pensante, incapaz de refletir, de criar e agir em seu contexto social.

Dessa forma, o professor orienta as produções escritas e as leituras de seus alunos numa concepção de linguagem, como forma de interação entre os sujeitos, partindo da ideia de que a criança tem um papel ativo no momento da criação textual. Por isso mesmo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL,1997) elegem os textos como unidade de ensino das aulas de língua materna e os gêneros textuais como técnica de aprendizagem, logo que são por intermédio deles que nos comunicamos e nos relacionamos uns com os outros.

A partir do momento que o aluno tem uma necessidade real de interação com o outro, como por exemplo, fazer um pedido para a diretora da escola, nesse caso, há o que se dizer, para quem e porquê. Escrever e ler com competência significa saber selecionar o gênero mais adequado, ter um propósito para se escrever, ter um destinatário e procurar técnicas de escrita voltadas para o aprendizado da linguagem, o que somente pode ser melhorado através de práticas diárias de leituras diversas.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Finalmente, ao concluir este trabalho, após longos períodos de leitura e pesquisa, é possível ter uma dimensão da constante necessidade de atualização do professor. Sabemos que as mudanças que ocorrem no mundo globalizado, e com as novas demandas sociais, advindas das tecnologias da informação, precisamos estar à frente do nosso tempo.

Logicamente, essa nova atribuição que o professor assume no dia a dia da escola democrática, traz consigo um engajamento contribuindo para sempre se repensar a nossa prática. O que por si só, corrobora para que se desenvolvam métodos e técnicas pedagógicas variadas e ricas, através da criatividade e curiosidade despertadas mediante práticas motivadoras de leituras.

Diante de todas as informações apresentadas na presente pesquisa, além do que, muito se tem discutido a respeito da importância da leitura nas escolas, nas bibliotecas e em casa. O grande desafio tornou-se então encontrar caminhos produtivos para que as crianças não somente descubram o prazer, porém de fato também cresçam nessa caminhada, alcançando total plenitude em sua formação. Considerando nesta análise, que envolve diversos aspectos da leitura no cotidiano e na escola, sendo este elemento fundamental no processo de ensino e aprendizagem e no desenvolvimento intelectual, emocional e social de cada educando.

Porém, nesta análise pude constatar que um dos problemas no desenvolvimento da aprendizagem da leitura tem sido obstáculo para muitas crianças e professores nas escolas brasileiras, porque a leitura é uma habilidade que exige da criança a atenção a aspectos da linguagem, aos quais ela não precisava dar importância até o momento de ir para a escola. Além do que, é preciso experimentar e compreender o ato de aprender, considerando como funciona o pensamento das crianças em cada fase do seu desenvolvimento.

Diante disso, é bastante relevante a reflexão sobre o ensino da leitura e analisar os fatores que impedem a formação de sujeitos leitores, para se

apresentar caminhos de renovação nas práticas pedagógicas relativas a leitura. Daí a importância da constante atualização dos professores através das formações continuadas, que o professor atue sempre como um pesquisador, para que tenha conhecimentos aprofundados e fundamentados para construir sua prática pedagógica de forma contundente, desafiadora e transformadora de modo que possa agir no seu fazer pedagógico buscando a independência e autonomia dos seus alunos para uma educação emancipatória e libertadora.

É sabido que o professor possui um plano de ensino a ser seguido, mas ao mesmo tempo, tem a sua frente seres singulares, com particularidades únicas, os quais precisam ser observados e desenvolvidos, já que a escola de certa forma preocupa com a inteireza de formação do ser. Portanto, o professor precisa estar sintonizado com as transformações do momento presente, para reorganizar seu próprio conhecimento e consciência de mundo.

O livro ao ser lido pelo professor torna-se ainda mais mágico para o aluno, pois a entonação da leitura, o mistério estabelecido durante as pausas criadas durante a sequência da leitura, cria-se uma atmosfera que é gratificante para o professor, sentir e perceber que seus alunos foram atraídos pelos livros e que durante seu trabalho formou leitores criativos e críticos, capazes de ler e reler, analisar e interpretar qualquer tipo de textos seja de cunho pedagógico, formativo ou literário. Para que as crianças desde pequenas se sintam leitoras e usufruam dos prazeres da leitura, pois assim, o professor sempre lendo textos diversificados e de boa qualidade promove adultos leitores e cientificamente alfabetizados.

Porque, assim como aprendemos a escrever escrevendo, tão somente aprendemos a ler lendo, que esses momentos realmente sejam agradáveis incitando a superação do estado inicial da aprendizagem, para não limitá-lo a capacidades mínimas de leitura e escrita, que indiscutivelmente, os espaços escolares sejam planejados para que a leitura, de fato esteja presente nos diversos momentos que o aluno permanece na escola, que disponha de um acervo disponível condizente com seus anseios de aluno em aprendizagem e que sejam sempre observados os aspectos da leitura significativa.

Para finalizar, gostaria de destacar que o comprometimento da escola enquanto instituição formadora de pessoas para o pleno exercício da cidadania

dê totais condições aos seus educandos, no sentido de propiciar verdadeiramente, através dos meios adequados e justos, livros diversos que estejam de acordo com a faixa etária dos alunos, bibliotecas atrativas incitando o convite à leitura, que disponham de vários títulos literários e que possibilitem os momentos de leitura, não como uma atividade a seguir, mas que por sua vez, o professor promova momentos oportunos para que a leitura possa ser desenvolvida e usufruída de forma contextualizada com o meio em que a escola está inserida, oportunizando a transformação da realidade atual em outra que seja a ideal, nos princípios da ética e da cidadania.

## **REFERÊNCIAS**

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ALVES, V. **O conceito de Literatura Infantil**. São Paulo: Vozes, 2003.

AROEIRA, M.; SOARES, M.; MENDES, R. **Didática de pré-escola: vida e criança: brincar e aprender**. São Paulo: FTD, 1996.

BRASIL, **Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, **Ministério da Educação: Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CAGNETI, S. **Livro que te quero Livro**. Rio de Janeiro: Nódica, 1996.

COELHO, N. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Petrópolis, 2000.

COELHO, N. **A História da História**. In: RIBEIRO, R. **O Patinho Feio**. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

FRANTZ, M. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. 3 ed. Ijuí: Uniljuí, 2001.

FELDMAN, E. **Língua, Linguagem e Escolaridade**. Buenos Aires: Panamericana, 1987.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.

FREINET, C. **O método Natural III a aprendizagem da escrita**. Tradução de Tereza Medeiros. Lisboa: Estampa. 1977.

FREINET, É. **O Itinerário de Célestin Freinet: a livre expressão na pedagogia de Freinet**. Tradução de Priscila de Siqueira. Rio de Janeiro: livraria Francisco Alves, Editora, 1979.

NICOLAU, M. L. M; DIAS; M. C. M. (Org.). **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância.** Campinas, SP: Papyrus, 2003.

PEREZ, C. L. VI. **Com um lápis de cor e varinha de condão... Um processo de aprendizagem da leitura e da escrita.** In; GARCIA, R. L. (Org.). **Revisitando a Pré-escola.** São Paulo, 1993.

SALWULSKI, V. **Fruição e / ou aprendizagem através da Literatura Infantil na escola.** São Paulo: Cortez, 2003.